

AS DIMENSÕES AMPLIADAS PELO DIÁLOGO E À LUZ DA FILOSOFIA DE SIMONE DE BEAUVOIR: A QUESTÃO DAS MULHERES E O “TORNAR-SE MULHER”

THE DIMENSIONS EXPANDED BY THE DIALOGUE ENLIGHTENED BY SIMONE DE BEAUVOIR'S PHILOSOPHY: THE QUESTION OF WOMEN AND OF "BECOMING A WOMAN"

Juliana Oliva*

Este texto tece comentários tanto acerca do *I Encontro de Filosofia e Gênero*, realizado de 15 a 17 de Maio de 2013 na Universidade São Judas Tadeu em São Paulo, SP, Brasil, quanto sobrea apresentação do texto “A questão das mulheres e o tornar-se Mulher: reflexões de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* acerca da imposição de um ideal de Mulher”.

O I Encontro de Filosofia e Gênero surgiu por iniciativa de alunas e alunos da graduação e do mestrado em Filosofia da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo. Sentia-se falta de espaço para as discussões acerca das questões de gênero trabalhadas em pesquisas. Com apoio da coordenação do departamento de pós-graduação em Filosofia da Universidade, alunas e alunos planejaram e realizaram o encontro nas noites de 15, 16 e 17 de Maio de 2013, no Auditório da Reitoria do Campus Mooca da universidade, em São Paulo. O encontro reuniu estudantes, professoras e professores que compartilharam trechos de suas pesquisas e, em alguns casos, de suas próprias experiências pessoais, trazendo para o debate da academia o fardo que o ser humano carrega ao assumir uma identidade. Tópicos sobre feminino, masculino, homossexual, heterossexual, transexual, foram ali discutidos e repensados sob critérios teóricos e práticos durante o encontro.

Como parte integrante da comissão organizadora do evento, posso dizer que a realização do mesmo ocorreu de forma bastante positiva, não somente por causa do que foi

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia da Universidade São Judas Tadeu (USJT) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
E-mail: julie_oliva@hotmail.com

preparado juntamente com a Universidade São Judas Tadeu, mas também pela participação das pessoas que inscreveram os seus resumos e compareceram para apresentar as suas reflexões, e pela recepção acolhedora do público, que muito contribuiu com questões, comentários instigantes, dialogando por meio de depoimentos sobre suas próprias experiências e deixando sugestões construtivas.

Dentre os temas abordados estava a preocupação específica sobre as questões de gênero. A base teórica de minha pesquisa e de minha proposta de apresentação no encontro é a obra de Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*, publicada em 1949, que nos permite refletir acerca da construção do gênero, feminino ou masculino, e assim questionar não somente a validade conceitual de um universal feminino, mas também de um universal masculino. Beauvoir, apesar de questionar a imposição do gênero em todos os seres humanos, estabelece o gênero feminino como foco principal da obra. Seguindo os passos da autora, a preocupação central de minha pesquisa, e também do texto apresentado no encontro, é também a construção do gênero feminino.

Em “A questão das mulheres e o tornar-se Mulher: reflexões de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* acerca da imposição de um ideal de mulher”, título de minha apresentação, meu objetivo foi expor detalhes da opressão sofrida em suas vidas pelos seres humanos que chamamos “mulheres”, feita pela imposição de um ideal universal de Mulher, que hes nega o primordial de sua existência, conforme a visão existencialista de Jean-Paul Sartre e Beauvoir: a liberdade para fazer de si o que escolher e assumir-se enquanto sujeito.

Em minha reflexão, partindo da famosa frase de Beauvoir em *O Segundo Sexo*, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 2009, p.361), explico brevemente a interpretação que Sartre e Beauvoir fazem do ser humano, do existente, que por meio de sua liberdade construiria, por meio de suas próprias escolhas, a sua própria essência, dentro de limitações de cada uma de suas situações (BEAUVOIR, 2005, p.16-19). Vínculo a visão geral de Sartre em relação ao ser humano, e sua frase chave “a existência precede a essência” (SARTRE, 1987, p.5-6), à visão específica de Beauvoir em relação ao sexo feminino, que nos traz as implicações do tornar-se Mulher. Para uma compreensão mais ampla do contexto da reflexão de Beauvoir, trago brevemente também a noção dos conceitos sartreanos de liberdade e “má-fé”, para enfatizar a liberdade não só como autonomia para escolher, mas também enquanto fardo da responsabilidade.

O segundo volume de *O Segundo Sexo*, especificamente a primeira parte denominada “Formação” que é composta pelos capítulos “Infância”, “A jovem”, “A iniciação sexual” e “A lésbica”, é o trecho da obra no qual me apóio para explorar melhor a construção desse ideal de Mulher ou, de um “Eterno feminino”, como se refere Beauvoir, e sua apreensão por todos os seres humanos - mulheres e homens - durante a socialização primária, e então a reafirmação dessas bases construídas durante a socialização secundária (BERGER; LUCKMANN, 2003, p.175). Desde o nascimento da pessoa, passando pelas suas roupas e brinquedos da infância até o valor da puberdade dentro da sociedade, o ser humano encontra o seu lugar correspondente à corporeidade e ao seu órgão genital; em outras palavras, a distinção por gênero prepara as crianças para os papéis que desempenharão na sociedade; é de acordo com um traço anatômico que uma pessoa é identificada num mundo masculino ou num mundo feminino. Essa identificação é, com tanta força, trabalhada na infância e imposta na adolescência contra o corpo que se modifica, a ponto de as características ditas masculinas e as ditas femininas parecerem aos sujeitos algo natural.

Além de apresentar o problema da imposição de uma suposta essência determinada a um existente, como se as pessoas fossem objetos, definidas por essências pré-determinadas antes mesmo de existirem, destaco a espinhosa questão da mulher enquanto foco principal de Beauvoir em *O Segundo Sexo*. De acordo com a autora, a suposta essência universal a ser assumida pelo homem conservaria no mesmo a liberdade de afirmar-se como sujeito, de transcender a sua situação e projetar-se para o futuro, enquanto o “Eterno feminino” não apresentaria à mulher a liberdade, mas sim a passividade que a restringe, e ao mesmo tempo a seduz, a permanecer no sonho e na espera pelo outro - o príncipe encantado, o filho – para, por meio desse outro, realizar-se (BEAUVOIR, 2009, p.375-376). Porém recordo com Beauvoir que mesmo impelida à passividade, a mulher é originalmente um ser humano, é liberdade, e assim compreendemos que a situação da mulher consiste em tensão: ela se encontra entre afirmar a sua própria liberdade e a permanecer em seu lugar de objeto (BEAUVOIR, 2009, p.376).

Os detalhes da puberdade, trazidos por Beauvoir à reflexão acerca do problema da mulher, são de grande importância para entendermos esta tensão liberdade-objeto, já que a chegada da puberdade, marcada pela primeira menstruação, parece, segundo a leitura que

faço de Beauvoir, o momento que mais pode ser caracterizado como definitivo para a menina, no qual lhe parece mais claro que não irá a lugar nenhum e permanecerá em seu papel de objeto, de fêmea, e não se tornará uma mulher adulta (BEAUVOIR, 2009, p.405-406).

Finalizo minha pequena introdução acerca de uma noção de ser humano, da imposição das construções sociais, especificamente dos gêneros, do aspecto negativo do gênero feminino e da situação problemática da mulher, reforçando o quanto supor que seres humanos, especificamente as mulheres, neste caso, sejam enquadrados em ideais, os prejudica em suas escolhas singulares; o que quero dizer, junto com Beauvoir, é que há um choque para as mulheres entre o mundo de sonho e espera pelo príncipe encantado e o mundo real que as oprime, este sem magia, que lhes apresenta homens sem encanto, de carne e osso, criados para afirmarem a sua virilidade, competirem e até mesmo atacarem, para deste modo afirmarem-se como sujeitos. (BEAUVOIR, 2009, p.494-495).

Para além da década de 1940, quando Beauvoir escreve *O Segundo Sexo*, atualizo a reflexão da filósofa francesa, levantando questionamentos e pistas de algo que ocorre hoje, parecido com o que a autora chamava o “Eterno feminino”, e tão assustador quanto o “Anjo do Lar” descrito pela escritora inglesa Virgínia Woolf, também preocupada com a passividade feminina uma década antes de Beauvoir escrever *O Segundo Sexo*. Hoje, algumas questões se apresentam. A distinção entre masculino e feminino para roupas infantis e brinquedos, o príncipe encantado que é substituído pelo “colírio” da revista adolescente, os ideais de beleza realizados em programas de computador, a exigência de um desempenho sexual específico para alcançar a felicidade, e a ambivalência da maternidade como realização pessoal e ao mesmo tempo como obstáculo na carreira profissional, são algumas das pistas que destaco em nossa época para estabelecer um diálogo com a reflexão de Beauvoir em *O Segundo Sexo*.

A conclusão de minha fala traz, à luz de Beauvoir, novamente uma tensão entre liberdade e objeto para a mulher, dita “livre”, e “emancipada”, de modo geral na época em que vivemos, porém esmagada em seu cotidiano por ideais que pouco se desfazem, ou que são reforçados em uma nova roupagem; conquistas e tradições ainda se entrelaçam, e a pergunta com a qual finalizo minha reflexão é em relação a como lidar com este entrelaçamento.

A construção de um gênero feminino que afeta as mulheres e a sugestão de desconstruí-lo constituíram o ponto mais forte das perguntas que recebi após a leitura do texto. Questões acerca do desnaturalizar o que conhecemos por “feminino” e tirar as suas bases para fazermos de nós mesmos o que escolhemos são de grande importância e podem ser trabalhadas com mais detalhes e cuidado para o desenvolvimento da reflexão sobre o problema trabalhado. Como seria possível a associação de minha leitura de Beauvoir ao movimento feminista também foi uma questão levantada. Eu não poderia refletir acerca de minhas ações no movimento feminista, pois não me considero uma militante até o momento, porém penso que como ação feminista, que tento desempenhar nesta comunicação ou simplesmente em minha vida, mostrar às pessoas que há um outro lado do tornar-se mulher como possível e positivo, diferente do *tornar-se Mulher* enquanto essência, seguindo um ideal pré-determinado, já me parece um grande passo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambigüidade**. Tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. II.V. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thommas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução Floriano de Souza Fernandes. Petropolis: Vozes, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método*. **Seleção de textos** de José Américo Motta Pessanha. Tradução Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Fort, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1987.